

CORDELIM DE NOVELAS DA XERAZADE DO SERTÃO - ARIANO SUASSUNA

Eleuda de Carvalho

*Jornalista. Mestre em Literatura Brasileira
pela Universidade Federal do Ceará.*

O personagem narrador do Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta, Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, é uma encarnação masculina e sertaneja de Xerazade, a lendária contadeira de histórias das mil e uma noites. Pode ainda ser o imaginário cavaleiro errante vindo da Mancha e o seu criador mortal. Para levar a efeito secreto intento (que também considerava a pretensão legítima dele ao trono da monarquia cabocla brasileira) - construir uma obra epopéica que o consagre Gênio da Raça, Quaderna se apropria de fontes populares e eruditas que, juntas, formarão a cesura de sua narrativa, cujo enredo decorre do inquérito que investiga a morte do seu tio, cunhado e padrinho, D. Pedro Sebastião Garcia-Barreto, e o destino dos três filhos dele, Arésio, Silvestre e Sinésio. Este último, associado ao Mito do Encoberto, do Desejado, desde o século 16 identificado com o rei português moqueado pela areia dos desertos de Alcácer-Quibir movendo-se há milênios e segundos, finos grãos feitos de rocha desfeita em quimeras que são a substância do tempo.

QUADERNA XERAZADE

Houve, há muitos e muitos luars e sóis, em um reino bem distante - ao oriente do oriente do oriente - um califa desgostoso com as mulheres. Era um padecente do afeto, mal ferido pela traição. Uma vez, decidiu: a cada dia, esposaria uma donzela diferente e, mal despontasse o sol, ela seria sacrificada. Eis que Miramolim Almançor, pois esse foi um dos nomes que lhe deram os poetas, casa-se com a jovem Xerazade, filha mais velha do grão-vizir. Sabendo qual o destino das noivas após a

noite de núpcias, a bela esposa o entretém com uma história aventureira, muito do gosto de seu marido e carrasco.

Envolvido nas peripécias de Simbad, o califa viu raiar um novo dia. Curioso em saber como o herói se salvaria das garras do gigantesco pássaro Roque, sustém a sentença de condenação à Xerazade, até que ela terminasse a narrativa. E por mil e uma noites, a moça desfiou um elenco de histórias, cada qual a mais saborosa. O califa estava curado de seu amor mau. Celebrava à vida Xerazade, fiandeira de maravilhas.

Perdeu-se na névoa de mil e um dias a origem deste feixe de ficções, que chegou acrescentado de sentidos até nosso tempo e amplificando-se continuará significativo. De acordo com o pesquisador Câmara Cascudo, no formidável *Cinco Livros do Povo*, o documento mais antigo que trata desse códice é o *Kitab al-Lailah oua Lailah*, cuja tradução literal seria *Mil Noites e Uma Noite*, atribuído ao escritor Abu Becquer Al-Warrac, que viveu no século dois da Hégira (a fuga inaugural de Maomé, disparando a galope de Meca rumo a Medina montado no seu cavalo arreado, conduzindo todos os seus pertences materiais e no alforje do peito o caroço fecundado de uma religião, era manhã na estrada, e o dia 16 de julho, 622 dC, ano primeiro do calendário muçulmano).

Além das peripécias do marujo Simbad, de Aladim e sua lâmpada maravilhosa, de Ali-Babá e dos 40 Ladrões, do estranho Pavão Misterioso, dos tormentos ao fim recompensados da fidelíssima rainha Magalona, passa-se o caso da formosa donzela Teodora, que venceu uma disputa de inteligência contra um astrólogo, um ulemá e um poeta na corte de Harum Al-Raxid, o persa, situada no mesmo deserto petrolífero em mira de guerra onde, certa vez, jardins floresceram suspensos. Assim começa o manuscrito, preservado na Biblioteca do Palácio Escorial, em Espanha: “Conta-se - mas Alá está melhor instruído em todas as coisas - que havia em Bagdá...” (*Cinco Livros do Povo*, p. 84).

Conta Josué Montello, em seu livro *Viagem ao Mundo do Dom Quixote*, que na cela escura, úmida e quase sem ar da alta torre do Cárcere Real de Sevilha um homem manco, a mão esquerda arruinada na batalha naval de Lepanto em prol de defender seu rei, quedava esquecido da justiça dos demais e de Deus. Com a destra, rabiscou em folhas

esparsas a história do velho fidalgo Alonso Quijano, a quem todos conheceriam depois pela alcunha que o tornaria imortal.

O personagem, nascido na cadeia por modo da criação de Miguel de Cervantes Saavedra, é mais que símbolo da Espanha e de sua glória falida: retrata a loucura humana, a divina doidice que nos fez e nos fará, por mal e por bem, atravessar tempos e espaços para dizer de um tema caro a todos nós. O sonho da vida é perpetuar-se.

“A maneira de seu herói, Cervantes, ao lutar contra a novela de cavalaria, trava combate com moinhos de vento. (...) E por que Cervantes a combate? Pela mesma razão por que D. Quixote se armara cavaleiro: ambos, no seu feitio característico, deveriam ter surgido em tempos mais distantes (...) O atraso no tempo determinou-lhes a originalidade da condição: a um, fez louco; a outro, satírico. Mas ambos sobrepassariam ao próprio tempo: o cavaleiro, com sua insanidade; o escritor, com seu gênio”. (*Viagem ao Mundo...*, p. 86).

Corria lá fora da torre-cela de Sevilha o ano de 1602. Havia transcorrido um século e pouco da ousadia armada de portugueses e espanhóis, que dilataram o mundo guiados por sua audácia de veladas intenções, soprada ao vento caprichoso nas caravelas. Não havia quase mais nenhuma terra a descobrir nem mar desconhecido para singrar e já os senhores ibéricos, agora ungidos a contragosto sob as hostes de Castela, tinham sido ultrapassados por uma potência mais poderosa, movida a vapor e máquina. Fidalgos andantes, princesas prisioneiras e dragões não eram capazes de satisfazer o gosto pela aventura e diversão que as novelas de cavalaria tinham proporcionado por tantos anos.

As narrativas de viagens ao Novo Mundo, amplamente difundidas pelo progresso técnico da tipografia, possuíam mais atrativos que as fábulas perdidas na poeira dos caminhos, por onde os bardos não cantavam mais, ou cantavam outras coisas. É desse mundo de ruínas que Miguel de Cervantes recolhe os cacos e, embora revirando-a pelo avesso, imortaliza a figura do cavaleiro medieval, em forma de um velho fidalgo decrépito e maluco que prossegue a sina de pelejar contra moinhos de vento e preconiza o gigantesco poder transgressor da imaginação.

Para driblar a própria sorte, Xerazade Penélope tecia a cada noi-

te um manto de fantasias, com as quais transfigurava em desejo de ouvir a ira mortífera do califa de Bagdá, fervida em longa espera num banquete de novelos até se dissolver em nada.

(Disseram, e o repetiram estudiosos da novelística medieval, que Santa Teresa de Ávila, a mística nascida em Espanha, seria a autora do seminal *Amadis de Gaula*. Decerto, foi sua leitora. Outros creram que o romance criado a partir de um Lai de Bretanha fosse obra de uma dama portuguesa, ou de um mouro latinado e até do Segundo Duque de Bragança. Pesquisas recentes apontam os portugueses Vasco e João Lobeira como os codificadores para a prosa, no fim do século XIII, do poema que relatava os feitos de Amadis, o Enamorado, e da bela Oriana, a Sem Par. Façamos de conta que haverá de haver alguma Xerazade).

Prisioneiro, Miguel de Cervantes elaborou o personagem que deu forma ao fim de uma era epopéica e à possibilidade de sua permanência, através não do heroísmo cavaleiresco mas do humor, do sarcasmo e da crítica subjacente. Ariano Suassuna costura histórias através do discurso do seu personagem Quaderna e com elas traz à tona a trajetória do romance, em seu principal substrato, a narratividade. E erige o Réquiem, embora pontuado pela sátira, com o qual registra e exalta a memória de seu Pai, Cavaleiro Sertanejo derrotado.

Da cela onde está condenado, Quaderna reborda seu memorial, epopéia e libelo. Para seduzir os gentis cavaleiros e as sonhosas damas que por desfastio, por modéstia falsa, o escutam, faz um jogo de revelar e esconder, prometendo desvendar uma intriga como jamais se escrevera e contar a epopéia marítima e sertaneja, guiada pelo rapaz do cavalo branco, numa cruzada hodierna em busca do Sangral. O que ele realmente não contará.

O rapsodo fosco da caatinga sabe de seu destino grandioso, já lhe aprouve o sabor e seu travo. Embora preso, mortos seus avatares, ele ascende a si e ao derrotado; através do picaresco, do humor e da ilusão, Quaderna vai negaceando com a morte, adiando o esquecimento. Para tanto, fundamenta sua narrativa amparando-se em seus predecessores. A originalidade está na leitura nova que faz de suas fontes. Tal qual os poetas da cantoria, bardos da atualidade, arte para ele é a maneira particular de embaralhar os dados e nesse jogo criar novas possibilidades de interpretação.

Na edição d'*A Pedra do Reino* que vem sendo glosada, há uma charge elucidativa, habilmente resumindo numa imagem falante Quaderna e seu inventor, assinada por Appe, datada de 1971. É o Ariano de então, muito mais magro e de cabelos negros, aos 40 e poucos anos, o exagero de nariz e um risinho sarcástico de canto de boca, por onde saem sete cobras de presas aguçadas.

Em um jogo especular no qual realidade e ficção conformam as distintas peças com as quais o autor e o leitor podem estabelecer e romper as regras do contado e do vivido, a caricatura de Appe é inspirada na xilogravura do cavaleiro diabólico que apareceu ao cantador Lino Pedra-Verde, desenhado pelo irmão bastardo de Quaderna, Taparica: envergando a casaca de couro, o chapéu de abas rebatidas, sem barbicacho, segura as rédeas do cavalo negro de máscara diabólica, dos duros lábios escorregam sete cobras corais em que sua língua se reparte, destacam-se no rosto presas de vampiro, eis a aparição da morte cangaceira montada (página 160).

O Ariano andante de Appe está vestindo um fardão de prócer da Academia, repare, não é um gibão o que ele traja; sem calças e um par de chinelos de rabicho enfiado nos pés, segura as rédeas de um cavaleiro mais para o burrico de Sancho Pança, não fosse a máscara de diabo encourado que lhe orna a cara: 27 anos depois, o retrato simbólico continua valendo, embora o personagem permaneça, como nem sempre é de hábito, ainda jovem e o inspirador tenha encanecido, como naturalmente acontece e seja um dos imortais agora, de fatiota e de direito. Um Quixote-Saavedra que encena em comédia o drama personalizado de um tema universal.

(Digamos, a culpa, esse dardo revestido de medo disparado contra a consciência, cuja ponta foi aguçada pelos códigos sociais entre os quais se erigiu aquilo que somos e chamamos genericamente a humanidade. Para todos aqueles que bebem da fonte do Livro, por exemplo, ela está presente desde o começo dos tempos, nasce mesmo no Paraíso, a partir do momento em que o primeiro casal opta pelo conhecimento e, conseqüentemente, desobedece. Daí a necessidade do Diabo, da legião de Lilith, povoamentos de fantasmas).

Quaderna diz, referindo-se a si e aos seus amigos, mestres e agregados Clemente e Samuel, justificando o nome com que batizara a Academia de Letras dos Emparedados do Sertão do Cariri, da qual são os únicos representantes: “Finalmente, em conjunto, nós três somos *emparedados* porque, com as andanças e extravios políticos que o Brasil vai vivendo, nós todos temos cara de quem, com culpa ou sem culpa, vai ser encostado à parede e fuzilado!” (p. 134).

Então Quaderna brinca e encena seu império secreto, assim como permanece encoberto para os não-iniciados o significado solene do Auto dos Congos e que subsiste no Maracatu, que é o que sobrou do ritual de coroação e em essência o contém: o subjugado transfigurando na festa profana o seu reino de destroços, sagrando no exílio e no espaço consagrado ao Deus vencedor, o adro das igrejas, suas rainhas e reis arrancados em violência de África.

Para disfarçar sua intenção, Quaderna unge seu velho tio, padrinho e cunhado Sebastião em Imperador do Divino, na festividade anual que organiza com seus 12 Pares de França. Seguindo a leitura numérica do vocábulo, como fizera o monge José Maria, profeta do Contestado, os 12 Pares de Quaderna são 24 cavaleiros, representando mouros e cristãos, batendo-se num combate de mentira, no qual se rememoram as antigas cruzadas. No palco armado na praça principal, autoridades e poderosos do sertão de Taperoá divertem-se com o desfile da cavalhada vermelha e azul, enquanto a suspeita ronda a encenação e a intriga engorda. E coisas muito estranhas acontecem.

Aliás, aconteceram. A demanda novelosa, em parte ílada sertaneja e terrestre, de outra banda odisséia no mar, é sugestão de aventura, melhor, do embate entre nossos heróis e o Diabo. Na terra, em figura da Onça Caetana, na água, domínio da Bicha Bruzacã, a Ipujiara macho e fêmea da teogonia tupi. A viagem toda duraria três anos, desde a volta de Sinésio, em 1935, até aquele presente 1938.

Baltazar Ferreira é rapidamente apresentado como “um velho meio doido do litoral do Rio Grande do Norte”. A ele se juntam Quaderna, Sinésio e o piloto da barcaça Estrela-da-Manhã, mestre Romão: navegam uma paródica travessia de Ulisses, desde a praia potiguar até a foz do rio São Francisco, fronteira entre Alagoas e Sergipe. (Justamente naquele miolo

de 1938, fora do livro mas dentro da história, na margem de lá queda entre fogos a furna de Angicos, do outro lado resta a fúria impotente de Corisco, vendo o Lampião se apagar. E entre eles, o rio).

(Intervalo. Enquanto os neoargonautas navegam nas entrelinhas, na linha do litoral indicia-se outro pedaço da história que Quaderna sonhegou: desliza na estrada o carro com o filho de Antônio Moraes e a irmã casta da sonhadora Heliana, tramando fidalgas insurreições. Um mistério viaja no banco de trás, a velha informante de Quaderna. Do alto de um andaime, em outro lugar, um pintor de paredes, freguês da Távola Redonda do nosso herói, flagra Antônio Moraes em incesto. O pano cai).

A ilhada sertaneja tinha sido uma “viagem filosófica e profética que tínhamos empreendido em 1935 e que terminara há poucos dias, de modo tão terrível” (p. 327). A desventura fora precedida pela visão do cego e profeta Nazário Moura, a furna da onça encantada e seus inestimáveis tesouros também fora a última coisa que Pedro Cego olhara, este a quem Silvestre, o bastardo, acompanha agora, e que para se salvar de morte certa e terrível apegou-se à Oração da Pedra Cristalina, atribuída ao santo padre Cícero Romão do Juazeiro. Há um folheto, vendido no Horto, com essa invocação à ara sertaneja, que difere bem pouco da latomia cantada em coro no filme Baile Perfumado e que está no CD com a trilha sonora. Com a chave do sacrário eu me fecho.

Quaderna, o gênio da raça. “De fato, mesmo, já o sou, mas pretendo sê-lo também de direito, oficialmente declarado pela Academia Brasileira de Letras! Se eu for condenado neste Processo, mandarei tirar duas cópias de meus depoimentos, mandando uma para o Supremo Tribunal, como Apelação, e outra para a Academia, a fim de que os Imortais me dêem, oficialmente, o título, nem que seja por levar em conta que eu criei um gênero literário novo, o Romance heróico-brasileiro, ibero-aventuresco, criminológico-dialético e tapuio-enigmático de galhofa e safadeza, de amor legendário e de cavalaria épico-sertaneja!” (p. 342). Vejamos, com seu criador, a partir de quem Quaderna elaborou o seu alentado projeto.

“José de Alencar é um escritor que o pessoal não leva a sério, mas isso é uma injustiça muito grande. Alencar foi o primeiro escritor que pensou o Brasil. Não sei se você sabia disso, mas o primeiro projeto de Alencar era

escrever um grande poema em prosa, chamado Os Filhos de Tupã, repare que beleza! E como nos poemas épicos cada cidade, região sagrada, cada país, cada pólis tem o seu rio, ele queria fazer do Amazonas o rio sagrado brasileiro”.

“Falei, na Aula-Espetáculo, que não se devia dizer que a arte brasileira tem cinco séculos, porque tinha todo um passado, antes da chegada dos portugueses. Então, n’Os Filhos de Tupã, ele queria cantar todo o passado brasileiro. Depois, desistiu e resolveu realizar isso no romance. Mas, se você olha, o começo de Iracema é um poema em prosa. Os Filhos de Tupã estão em romances como Ubirajara, Iracema”.

“O Guarani é no fim do século 16; As Minas de Prata, no século 17; A Guerra dos Mascates é do século 18, e vários outros romances são no século 19, que era o dele. Do ponto de vista do tempo, ele procurou cobrir todos os séculos brasileiros até ele. Do ponto de vista do espaço: Os Filhos de Tupã era na Amazônia; O Sertanejo é passado no Ceará; A Guerra dos Mascates, no Recife; As Minas de Prata, na Bahia; O Guarani, no Rio; O Gaúcho, no Rio Grande, e O Tronco do Ipê é na passagem do Rio pra São Paulo ou Minas, não lembro bem. Ele queria cobrir o Brasil todinho”.

“Além disso, ele fez romance urbano e romance rural, fez romance histórico, o folhetim do cotidiano e ainda fez o primeiro romance que deu origem ao regionalismo, com O Tronco do Ipê. É um escritor de importância fundamental. Sei que, objetivamente, Machado de Assis pode ser mais importante do que ele. Mas, para mim, na minha mitologia, eu sou é de Alencar”.

“Quaderna não sou eu não. Quaderna, digamos que seja a parte picaresca que tenho e coloquei nele. Não sei dos outros escritores, mas acho que nenhum personagem é o próprio autor. Agora, todos os personagens têm uma coisa do próprio autor, é evidente. Às vezes me divirto em colocar elementos da minha biografia na biografia de Quaderna. Por isso escolhi 16 de junho para ser a data de Quaderna. Queria que ele fosse geminiano, porque era através do fato de ser geminiano que se explicaria aquela duplicidade, a ambiguidade de Quaderna”.

“Entre a Mestra do Cordão Azul e a Contramestra do Cordão Encarnado aquela Diana, que seria Quaderna, ao mesmo tempo do azul e do encarnado. Uma vez fiz uma brincadeira comigo mesmo, porque uma moça disse a mim: - Você é do signo de gêmeos, não é? Sou. - Você sabia que toda pessoa do signo de gêmeos tem duas caras? Por brincadeira, disse, mas me

diga uma coisa. Você acha que se eu tivesse duas caras usava essa minha? ”.

“Estava lendo, um dia, um livro de astrologia e o livro dizia lá, isto está citado n’A Pedra do Reino, aquela citação que está lá é autêntica. Dizia-se que, se não me engano, na terceira década, que é a minha... Ou é a quarta? É a última. Na última década do signo de gêmeos pode nascer um gênio verdadeiro. Pronto, eu digo, vou botar isso pra Quaderna, que é ótimo! Também se fala que tinha tendências para teatro, a pessoa que nasce nesse decanato de gêmeos ”.

“Agora, coloquei o nascimento em 1897 por causa de Canudos e do Conselheiro, exatamente. Fiz ele nascer em junho de 1897 para ele assistir vivo, já nascido, porque ele vai se considerar um avatar de Antônio Conselheiro. Quando ele estava nascendo, o Conselheiro morre e o espírito passa pra ele. Isso não ficou dito, explicitamente, n’A Pedra do Reino, seria explicado depois, estou lhe dizendo aqui e agora. Escolhi o fato de ele ser de 1897 para ele ser o continuador - pelo menos no juízo dele - de Antônio Conselheiro. Além de rei, profeta. Ele não quer nada, né? E gênio da raça brasileira. Rei, Profeta e Poeta de Gênio ”

(Este texto faz parte da dissertação de mestrado em Literatura Brasileira, defendida na UFC em 1998, sob orientação da professora e acadêmica Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez . A tese, inédita em livro, chama-se *Cordelim de Novelas da Xerazade do Sertão*. A convite da Academia Cearense de Letras, o trabalho foi apresentado em linhas gerais durante seminário comemorativo aos 80 anos da Semana de Arte Moderna de 22. Se, em princípio, relutei em tratar do tema – o belo romance de Ariano Suassuna – foi por acreditar que tanto *A Pedra do Reino* quanto a obra múltipla e variadíssima do grande mestre paraibano não cabem em datas ou rótulos. A não ser, o caminho que ele mesmo apontou e denominou Armorial. Porém, considerando este marco histórico da literatura brasileira, devo agradecer reiteradamente esta participação, que proporcionou mostrar um bocadinho ao menos da arte e da vida de um cidadão e artista brasileiro incansável em sua tarefa de dignificar nosso país, nosso povo, nossa cultura).